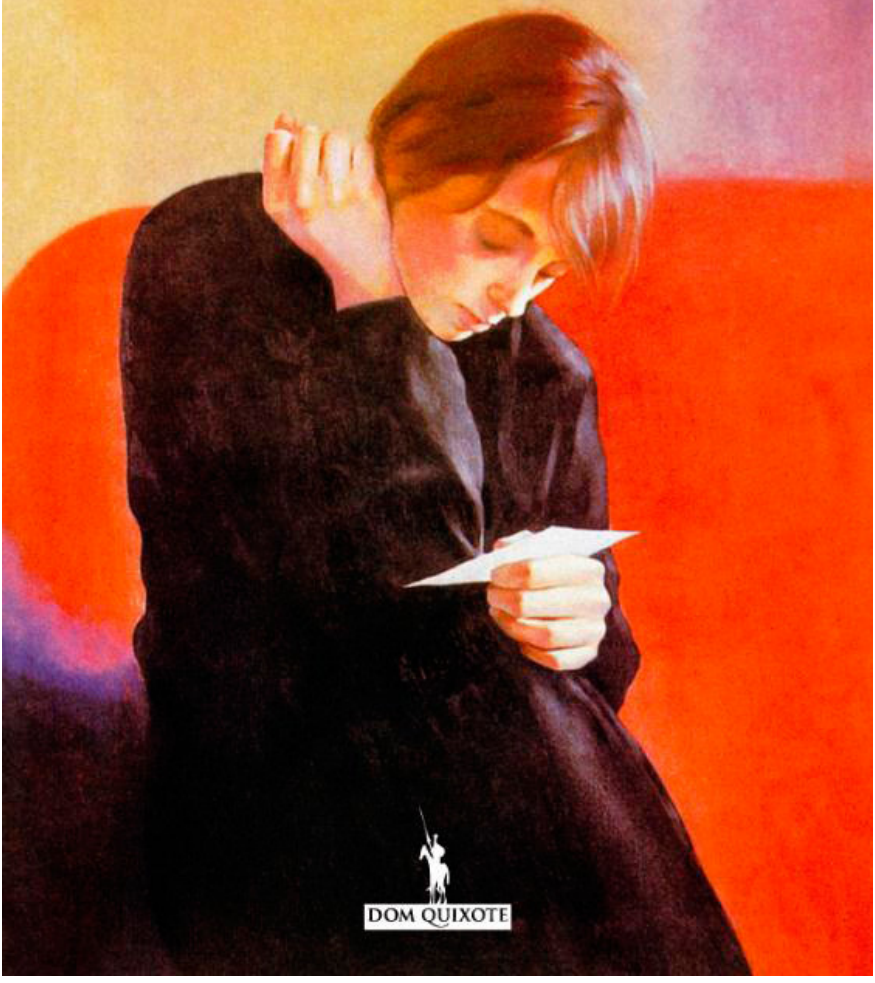
5.ª edição

Lídia Jorge

O Vale da Paixão

Romance



DOM QUIXOTE

A David

1.

Como na noite em que Walter Dias visitou a filha, de novo os seus passos se detêm no patamar, descalça-se rente à parede com a agilidade duma sombra, prepara-se para subir a escada, e eu não posso dissuadi-lo nem detê-lo, pela simples razão de que desejo que atinja rapidamente o último degrau, abra a porta sem bater e entre pelo limiar apertado, sem dizer uma palavra. E foi assim que aconteceu. Ainda o tempo de reconstituir esses gestos não tinha decorrido, e já ele se encontrava a meio do soalho segurando os sapatos com uma das mãos. Chovia nessa noite distante de Inverno sobre a planície de areia, e o ruído da água nas telhas protegia-nos dos outros e do mundo como uma cortina cerrada que nenhuma força humana poderia rasgar. De outro modo, Walter não teria subido nem teria entrado no interior do quarto.

Nessa altura, a casa de Valmares já havia perdido a maior parte dos seus habitantes, e os compartimentos onde tinham vivido os descendentes de Francisco Dias encontravam-se fechados, ao longo do corredor por onde antigamente todos se cruzavam. Então era muito difícil distingui-los pelas passadas. Vários filhos e vários netos, três noras e um genro, caminhando sem cessar desde madrugada, forneciam uma multiplicidade de ruídos indestrinçáveis para quem fosse menor e ficasse à escuta, horas a fio, dentro dum quarto. Porém, naquele Inverno, no início dos anos sessenta, os passos dos que restavam eram tão identificadores quanto as suas caras ou os seus retratos.

Havia os passos soltos e leves dos filhos de Maria Ema, ainda

crianças, ainda mal pousados, lembrando fugas de roedores, pela forma como percorriam o corredor em bando rápido. Em contraste, havia os passos pesados de Francisco Dias produzidos por botas onde luziam duas filas de cardas que emprestavam ao som um ruído de ferro, seguindo-o por toda a parte como se transportasse uma coroa nos pés. E havia os de Custódio, mais leves do que os passos do pai, mas ainda assim, o protector de metal existia, picando aqui e ali o ladrilho e o cimento, com seu andar assimétrico de coxo. Por razões acrescidas, também esses, os passos do filho mais velho de Francisco Dias, se tornavam inconfundíveis. O som surgia sincopado, do lado do quarto poente, onde dormia com Maria Ema, o som saía das botas de Custódio como uma falha, um desvio em relação ao chão e à realidade, um desequilíbrio, e contudo, nessa assimetria, alguma coisa nos passos do filho mais velho de Francisco Dias resultava regular, mais regular do que os passos dos outros. Era em torno desses que se ficava à escuta da falha, do silêncio dum pé, como um pêndulo que se agita e promete uma batida desigual que nunca acontece. Inconfundíveis os seus passos, atravessando a casa de Valmares, cruzando-se com os de Maria Ema que nunca paravam junto dos seus.

2.

Porque havia o som dos passos de Maria Ema, a mulher de Custódio, passos de borracha pela manhã e sola pela tarde, mas agora que seu cunhado tinha voltado, ela usava saltos altos. Ouviam-se pela casa, a pisar os ladrilhos, a roçar as capachas e a bater nas madeiras. Adivinhava-se o vestido rodado por cima dos sapatos, as suas pernas brancas, a cintura estreita, andando. Eram os passos dela, na casa grande de Valmares, uma casa suficientemente distante do Atlântico

para não se ouvir a rebentação durante a tempestade, mas não tão longe que o salitre da poeira das ondas não lhe atingisse a fachada. Eram os passos dela, diferentes dos outros. Mas também os dele, os de Walter, se distinguiam.

Walter Dias havia voltado um mês atrás, e tinha trazido bons sapatos de pele de búfalo. A maciez do aviamento reduzia o impacte sobre o solo, mas não lhe retirava o chiado, uma espécie de espuma que se comprimia sob os pés de Walter, quando passava pelo corredor vazio. Todos conheciam os seus passos silenciosos, e no entanto denunciadores, suaves como uma respiração e presentes como um bafo. Os filhos de Maria Ema gritavam, mal ele punha os pés no portal — «Aí vem ele!» Todos davam pela sua entrada e pela sua saída. Então era melhor, naquela noite, que o dono das passadas de espuma parasse junto do patamar e se prevenisse. Walter Dias entrou sem bater, encostado à porta acabada de fechar, trancando os seus próprios lábios com a mão — «Por favor, não grites...» Disse ele, na noite em que visitou a filha, pois afinal ela esperava-o, mas não acreditara que pudesse acontecer. E só depois ele se sentou numa cadeira, se calçou e pegou no candeeiro, levantou o registo até a base da combustão ficar verde, e aproximou a chama em forma de pétala de papoila, diante da sua face. Aproximou-a como se o bojo iluminado fosse uma lente, e pôs-se a olhá-la, a observá-la de frente e de lado, enquanto a chuva forte lutava contra as janelas de vidro.

3.

Sim, naquela noite, com o candeeiro levantado à altura dos cabelos dela, a chuva ia e vinha ensopando a terra quente e árida, parente do deserto, a chama acendida, alta, tremida, em frente dos seus olhos, o cheiro do petróleo queimado a espalhar-se pelo quarto, e

num intervalo da chuva, começou a ouvir-se a passada inconfundível de Custódio Dias. Eram os seus passos mancos. Rompiam do fundo, do lado poente da casa, avançavam pelo corredor cercado de portas altas, transpunham o transepto onde quatro delas se uniam, e então Custódio parou junto do patamar e chamou — «Anda alguém aí em cima?»

O candeeiro encontrava-se então no registo mínimo, a chama era um pirilampo parado atrás do vidro, e Walter Dias ainda a protegia com as mãos, sustendo a respiração, imóvel, com os joelhos flectidos como se fosse atacar ou defender-se, e ela, que ainda não se havia movido do lugar onde ele a fora encontrar, quis fazer alguma coisa contra aqueles passos, procurando dentro da sua cabeça uma ideia ou um acto que pudesse contrariar o sentido do perigo. Ainda por cima, tinha a certeza de que não fora Walter quem havia subido, mas ela em pensamento é que o havia chamado, e por isso, se Custódio os encontrasse ali, escondidos no quarto, seria ela a responsável por alguma coisa de grave que iria acontecer, numa altura em que se respirava uma felicidade efusiva, como nunca antes tinha acontecido na casa de Valmares. Na verdade, Custódio Dias começou a subir a escada com a lanterna de algibeira apontada à porta, porque a luz do foco luminoso entrava pela soleira e espalhava-se pelo chão do quarto, mas o filho mais velho de Francisco Dias parou a meio do lance e chamou de novo — «Quem está aí em cima?» E depois fez-se um silêncio que não terminava mais, até que por fim ele se virou no degrau e começou a descer. Os passos inconfundíveis de Custódio Dias percorreram a escada, desapareceram no corredor, foram morrer no quarto poente, onde ele se deitava, nos anos sessenta, com Maria Ema. E a chuva voltou a bater.

Só depois Walter a levou até ao espelho, abriu o armário, lhe segurou no pulso e por fim, como se ali nunca tivesse estado, desapareceu por sua vez no corredor escuro.

4.

Mas esta noite ele não precisa proteger nenhuma luz nem suster a respiração. Se o fizer será por repetição ou por memória duma clandestinidade que não mais se justifica. Agora Walter Dias pode deixar a porta aberta, fazer passadas de sola, ou mesmo passadas de ferro, se fosse caso disso, que poucos se importarão com o nosso laço ou com a nossa vida. Estamos protegidos pelo esquecimento tecido pelo labor dos anos e pela própria harmonia que desceu sobre a união de Maria Ema e Custódio Dias, transformados nos únicos residentes desta casa.

Nas noites de Verão, como se a Lua ou as estrelas fossem máscaras de entidades cínicas que se rissem de longe, marido e mulher ficam embevecidos com a claridade do firmamento, urdindo silêncios cúmplices de admiração. Podem fazê-lo, objectos e seres incómodos encontram-se arrumados dentro das suas caixas e não há ninguém mais para punir, ninguém para matar. Eles sabem, atingiram o ponto de neve das suas vidas. Por vezes as oliveiras ainda branquejam como se sobre as suas copas caísse polvilho de prata, e ambos o comentam, sentados nas cadeiras-de-vento que seus filhos trazem nas horas rápidas em que os visitam. Também trouxeram um renque de guarda-sóis de praia que marido e mulher nunca fecham e à sombra dos quais, mesmo de noite, se sentam.

Aliás, a casa está como foi, os filhos de Maria Ema colaboram, não refazem as paredes, apenas as untam com umas chapadas de tinta, e os dois, agora de mão dada, fazem parte dos muros em torno dos quais existe um plano de conservação prática. Existe o projecto de que a fachada e o pátio sejam refeitos e pintados e também a ideia de que o bulldozer há-de escavar uma piscina azul, em forma de pegada humana, no sítio onde antigamente Francisco Dias guardava o estrume. Aí, talvez as figueiras cinzentas sejam abatidas, e no lugar dos seus pés se ergam palmeiras adultas donde penderão brancas redes de balanço. Será necessário apagar da calçada a sombra dos

velhos animais e tornar a rua um lugar aprazível. Por dentro, porém, manter-se-ão as traves, o corrimão, a escada, a porta do quarto do primeiro andar, o seu manípulo, o seu limiar e o seu soalho. Talvez a mesma luz e o mesmo som dos passos no tabuado, o mesmo cheiro a sabão e a cera. O mesmo patamar e os mesmos degraus. Assim, Walter Dias poderá caminhar às escuras, ou de olhos fechados, sempre que quiser, que não irá enganar-se. Porém, como na noite dos passos e da chuva, desejaria que Walter Dias subisse ao quarto da filha, sorridente, como era seu hábito, e que o fizesse apenas para a visitar.

Porque houve um momento, naquela noite de sessenta e três, em que Walter ficou suspenso, no meio do quarto, e com o candeeiro erguido e a chama do petróleo oscilando, lhe disse — «Sei muito bem que te troquei pela Índia, e afinal a Índia não te merecia, nem a viagem para lá e para cá te merecia. Compreendes?» E aí ela ficou tão surpreendida que não podia falar nem pensar fosse o que fosse, presa que estava de perplexidade. Parecia-lhe impossível que Walter Dias, vindo de tão longe, tivesse entrado no seu quarto, de sapatos na mão como um assaltante, e fosse afinal para lhe pedir desculpa por um facto que ela guardava para si mesma como uma dádiva. — «A Índia não te merecia» — dizia ele, naquele instante, como se não sentisse alegria por se encontrar ali.

5.

Era antes de os passos de Custódio Dias subirem até ao meio da escada, e a chama do candeeiro ainda estava alta. A chuva ia e vinha como uma cortina que ora se fecha ora se esgarça, e ele acrescentou, com o candeeiro levantado e os olhos cravados nos dela — «Nunca te dei nada». E ela continuava completamente surpreendida, pois sabia que não era assim, e quis mostrar como não era assim, como

estava rodeada de objectos e seres deixados por ele, imagens, ideias e fundamentos, tecidos e desenhos, os suficientes e adequados, provenientes dele, e se tinha desejado aquele encontro, era só para lhe explicar como vivia com ele, na ausência dele, por tudo isso que possuía. Queria dizer-lhe que não lhe devia nada, pelo contrário, que tudo estava certo como uma conta de multiplicar bem contada, que até ao fim da lógica e dos séculos sempre resiste à mesma prova real. Mas nessa noite era impossível explicar, pois talvez ela não tivesse as palavras, ou tivesse mas não as soubesse unir, ou pelo menos assim acontecia, naquele momento de surpresa em que ele a visitava. No fundo, encontrava-se assombrada por essa declaração, e parecia-lhe estranho que ele corresse tão grande risco, só para lhe colocar a luz do candeeiro junto do rosto e dizer-lhe que se encontrava em falta. Que ideia absurda era essa de que nunca lhe tinha dado nada?

E isso ela conseguia pensar, mas não dizer.

Na verdade, quando os passos de Custódio se extinguiram, Walter de novo levantou a chama e começou a fazer promessas duma fortuna que lhe queria preparar, uma maravilhosa herança da qual fariam parte estradas largas, aeroportos, universidades com colunas dóricas e inscrições em grego, um mundo de dólares, de negócios e de viagens. E haveria de lhe mostrar os pássaros de que mais gostava, o som deles todos juntos, se um dia passassem, por exemplo, no Canal de Panamá. Ele gostava de pássaros dos países quentes, embora para viver e fazer dinheiro preferisse os frios. Por alguma razão havia começado pela Índia e agora encontrava-se radicado num país de neve. Precisamente, dizia ele, iria levá-la para uma zona fria, mas depois, desceriam, de vez em quando, pois não ficaria sossegado, enquanto não levasse a filha a avistar, a partir de Hudson River, o corpo da Liberty. Ela haveria de lá chegar com ele, se Deus quisesse. E a terra livre, e o comércio livre e o amor livre, se Deus quisesse, tudo isso ele lhe queria oferecer. «Tu vais ver como te pago o que te devo» — dizia Walter Dias, na noite de Inverno de sessenta e três, quando o petróleo começava a descer no bojo do vidro.

Ela lembra-se dessa passagem da noite, do modo enérgico como

se lhe dirigia — «Imaginas? Um turco começou a chorar no convés quando avistou a Liberty Eu também. Vais sentir o mesmo que o turco...» — E aí já se tinha tornado claro que o combustível não iria durar até de madrugada. Então como era possível que se pudesse continuar, quando se percebia que não iria haver mais nenhuma noite? — Só dispúnhamos de uma única, aquela noite de chuva, e termos a certeza de que estávamos a correr dentro dela, sem a podermos repetir, impedia-nos de a viver. Mas esta noite está rente a essa noite, e ambas são contíguas como se fossem só uma, fechadas entre o sol-posto e o amanhecer. A quem interessa o longo dia que ficou de permeio?

6.

Na verdade, como naquela noite, Walter sobe com os sapatos na mão, a gabardina clara por cima do fato escuro, e entra, mas não fecha a porta, não se calça, não pega em nenhuma luz, não se senta nem se levanta. Fica imóvel no limiar, como se intimidado, o que é injusto, pois vem pedir desculpa quando nem sequer teria de se justificar. Não precisa. O objecto que enviou pelo correio a partir de Corrientes de Arena foi tudo o que quis que fosse, acrescido da obra do acaso. Não tem de se repetir nem de ficar parado. Walter Dias vem reiterar as palavras escritas por seu próprio punho, com sua inconfundível letra inclinada para diante — *Deixo à minha sobrinha, por única herança, esta manta de soldado.* E no canto superior direito do cartão de visita, um pequeno desenho de pássaro.

Um desenho, não, antes um esboço, um selo, apenas uma espécie de marca, os traços fundamentais da silhueta dum pássaro. Um esboço de ave atravessa-pátrias, talvez um cruzamento híbrido de tarambola e andorinha do Árctico. Talvez a forma dum bicho que

nem exista. O cartão protegido pelas dobras do embrulho. Pois o que ele enviou foi a sua antiga manta de caserna, dois metros quadrados de fazenda grossa, debruados a linha parda. O que não teria qualquer importância, se acaso não tivesse sido enviada por ele e se a manta não estivesse conservada e limpa, a ponto de se poder distinguir, num dos cantos, a insígnia do Regimento de Infantaria 16. Vê-se que a manta pertenceu ao recruta 687 de 45, condutor-auto, de nome Walter Glória Dias, conhecido pelo assobio, pelo andar e pelos animais que desenhava, pela designação de soldado Walter. Ela recebeu-a esta manhã mesmo e estendeu-a no soalho deste quarto. Mas na superfície do cartão, como disse, ele escreveu aquele recado com cautela, a mesma cautela clandestina que o fez subir descalço ao quarto onde dormia a filha.

Aliás, naquela mesma noite, a manta não se via, mas encontrava-se presente. Ele mesmo disse, depois do desaparecimento dos passos de Custódio Dias, no momento em que a chama já estava de novo alta e a chuva caía mansa — «Ah, o que não te terão contado!» Ele ria, estava quase sempre a rir — «Aposto que te falaram dum estroina com a alcunha de soldado e duma manta que usava por colchão para desenhar pássaros. O que não te terão dito sobre essa manta e sobre esses pássaros... Falaram-te de mim como um trafulha, um trotamundos, um atravessa-mares. Aposto que te envenenaram. O que sabes tu sobre isso? «Por momentos, a sua cara perdia a alegria e era tomado por uma espécie de ira que o toldava, fazendo-lhe os olhos brancos — «Diz-me, repete o que te disseram eles. Diz-me a verdade...»

Mas ela não sabia o que eles tinham dito, porque sempre havia transformado o que escutava, e por isso, não era possível explicar a Walter Dias, mesmo que ele o exigisse e ela quisesse ir ao encontro da sua exigência, porque não tinha entre mãos a distância entre o que lhe contavam e aquilo que ouvia. E mesmo assim, só para resumir o que sabia, e que era tão pouco, ela não dispunha de tempo, porque o petróleo esgotava-se e o vidro da luz escurecia. Só o que

poderia dizer é que tudo o que se relacionava com ele era bom, e que tudo quanto de bom amealhara não poderia ser exposto naquela curta passagem da noite, não caberia, enquanto palavras, naquela hora vigiada pela poderosa mão da chuva. Não valia a pena iniciar. Para quê gastar aquele tempo, estando Walter ali tão próximo, para dizer, por exemplo, que desde sempre soubera que Maria Ema havia sido mulher de dois homens, e que Francisco Dias era seu avô duas vezes? Que sempre tinha sabido da existência duma ambiguidade, uma duplicação, resultante duma entidade dupla, unida lá atrás, na pré-história das suas vidas?

Naturalmente que ela sabia que não eram verdadeiros irmãos os seus três irmãos, os filhos de Maria Ema e Custódio Dias. Sabia que os seus irmãos também eram seus primos, que o mesmo sangue que os unia os separava. E tinha conhecimento de que em todos os documentos de identificação havia uma mentira, mas ela colaborava com a mentira, porque da ambiguidade surgiam acontecimentos férteis e calorosos como se nascessem de verdades. Como se a fertilidade e a alegria despontassem em terrenos distintos das margens rectas do verdadeiro e do falso. Lembrava-se de momentos bons, inesquecíveis, relacionados com o encobrimento e a mentira, como aquele em que Fernandes, o marido de Adelina Dias, lhe ensinara a letra W.

Não o recordava a ele, mas à sua mão de aprendiz de electricista e à sua voz sobre o ombro, a dizer — «Faz dois Vês sobrepostos, unidos pelas bases, direitos, rente à linha... Faz, faz.» A voz baixa de Fernandes, a mão ágil de Fernandes traçando ela mesma o W. — «E agora faz com a tua letra — Walter Glória Dias...». Ele mesmo desenhava a letra na folha branca. E esse fora um dia bom, uma tarde quente, quando ainda havia galinhas aos bandos e as crianças eram encarregadas de as enxotar do pátio com umas canas compridas. E nem o facto de nessa tarde aquelas aves terem invadido o pátio e desenterrado as flores, espalhando o adubo, nem esse facto adverso conseguira reduzir a alegria que consistia em desenhar aqueles dois Vês que pareciam um M que flutuasse de cabeça para baixo, ou dois

Vês que voassem de asas para cima. A partir dessa tarde, a filha de Walter possuía uma letra nova, a vigésima quarta, aquela sobre a qual não podia falar porque a voz do Fernandes lho impedia. — «Faz W, W de Walter mas também de Watt, aprende-se isso na Electricidade...» — dizia ele, deslocado na casa de Valmares. Até que se foi embora, na primeira leva, deixando-lhe para sempre a letra clandestina.

E tudo isso ela teria conseguido explicar se tivesse tempo, se dispusesse duma parte substancial da noite, e até conseguiria fazê-lo de forma razoável, uma vez que havia resumido contos e fábulas a fio, tendo mesmo começado a condensar passagens d' *A Ilíada*, a decorar frases inteiras — *«Parte, vai, Sonho pernicioso, até às finas naus dos Aqueus. Quando estiveres na tenda do atrida Agamémnon, fala exactamente como eu te ensino sem omitir um único pormenor, parte.»* Quereria ela dizer em voz alta para Walter Dias ouvir. Mas como não conseguia recitar nem resumir o que era incapaz de recitar, por causa do tempo que se escoava, ele pôde repetir várias vezes, sem obter resposta — « Diz-me o que te disseram eles, o que te contaram, o que sabes tu sobre nós os dois!» E depois, segurando o candeeiro, direito, levantado á altura do ombro, ele disse — «Que montanha de coisas que te não dei!» Disse Walter Dias, com a gabardina branca vestida, molhada nos ombros e na aba, prova de que não poderia permanecer ali, que não dispúnhamos de tempo.

7.

Mas uma hora antes, ou apenas uns minutos antes, Walter começara a fazer promessas em voz baixa, tão baixa que a maior parte das palavras se perdia, embora não tivesse importância alguma que se perdesse. Aliás, as promessas feitas por Walter nessa noite tor-

naram-se inesquecíveis, porque o peso da água nas telhas retirava-lhes a inteligibilidade mas acrescentava-lhes uma batida de música à medida que criavam cor e velocidade entre os olhos e os lábios de Walter. E no entanto, ele não precisava dizer de modo nenhum, como dizia — «Caramba, que montanha de coisas que não te dei!» E prometia, prometia. E como já disse, ela ouvia as palavras que constituíam as promessas mas não elas mesmas, pois o prometido não lhe interessava. Não lhe interessava que ele lhe dissesse o que dizia, como se tivesse entre as abas da gabardina, no meio do peito, uma caixa donde lhe saíam essas palavras estranhas — «Tanto que te devo!»

E só para o sossegar, ela quereria ter-se despregado da tábua da cama onde permanecia encostada, para se dirigir à gaveta da mesa onde guardava os desenhos e folheá-los, para ele mesmo poder ver com os seus próprios olhos o que lhe tinha dado sem ter prometido. Pois como poderia Walter dever-lhe fosse o que fosse, se possuía dentro do quarto o *Álbum dos Pássaros* de Walter Dias? Se o álbum se tinha avolumado, sob a sua vigilância, e se sentia possuidora única de todos os seus desenhos? Walter não conhecia o percurso. Ele enviava-os ao irmão Custódio como se fossem para ele, sendo para Maria Ema, e quando Maria Ema os esgotava e se desprendia de cada um deles, os desenhos passavam a pertencer à filha de Walter. O álbum fora-se formando lentamente, irregularmente, num processo de paciência semelhante ao crescimento da árvore, aos lentos frutos da árvore pelos quais se espera. E isso ela deveria ter explicado a Walter, naquela noite, para que não precisasse mover os lábios de tantas promessas. Ela quereria que ele os tivesse quietos, talvez imóveis, talvez unidos, que os deixasse contemplá-los sem fala, mudos como a superfície molhada da gabardina, tal como tinha imaginado antes de o ter feito subir. Mas não podia.

Queria dizer-lhe que em Valmares o carteiro passava de bicicleta a pedal, e de vez em quando entregava uma carta de Walter dirigida ao irmão mais velho, e que Francisco Dias declarava, sentando-se

à mesa de castanho — «Chegou uma carta do trotamundos! Podes começar a ler essa carta...» Por vezes algum dos outros irmãos ainda escutava a abertura, mas eram tantos em volta da mesa, cada um com o sentido em seu objecto e sua comida, que ninguém ouvia. Custódio lia-a apenas para o pai, que repetia as frases dignas de troça ou de raiva. Só depois de terminar a leitura em voz alta, ele passava à mulher o desenho do pássaro que acompanhava a carta.

Sim, eu era testemunha de que Maria Ema lia as cartas diante das janelas, via os desenhos e ficava com eles, mas em seguida devolvia-os, e quem os recebia amontoava-os junto à correspondência, sobre a cómoda do corredor. A pouco a pouco, o monte dos desenhos transformava-se num molho de folhas soltas, unidas por uma capa, a que os irmãos viriam a chamar *O Álbum dos Pássaros Dela*. Em pé, diante da cómoda das cartas, ela estudava os desenhos. O cuco da Índia, a íbis de Sofala, o beija-flor das Antilhas ou o ganso do Labrador encontravam-se lá, à disposição de todos, embora fossem só seus. Um direito conquistado pelo uso, pois sem que ninguém lho tivesse expressamente transmitido, o álbum que todos podiam folhear pertencia-lhe. Mesmo que todos lhe tocassem, ela sentia-se a herdeira universal dos desenhos de Walter. Esperava por eles, olhando-os de longe, folheando-os na ausência dos outros, copiando-os, fugindo com eles para lugares seguros. Repondo-os, em seguida, no sítio devido, com discrição, para que ninguém visse. Recolocando-os na capa, folha sobre folha, até que o álbum se tinha transformado num objecto tão comum, que o facto de o ter arrecadado pareceu um destino inevitável para os desenhos dos pássaros. Ora quem os mandava era Walter, e ela tinha-os ali, ao alcance da mão, na noite da chuva — Então como poderia ele mesmo continuar a dizer que nunca lhe dera nada?

Por isso, se as caleiras não estivessem podres e as telhas desviadas, e a água não gemesse numa corrida ora serena ora arrebatada, ela teria aberto a gaveta da sua mesa e teria mostrado como tratava dos desenhos dos pássaros, para que ele percebesse por que razão ela se admirava tanto das promessas sem fim que lhe lia no movimento

da boca. Pois que promessas se tornavam necessárias naquela noite em que ela o atraíra com a força do pensamento, e ele obedecera, e aparecera descalço, com os sapatos na mão? — «Por favor, não fales. Não te movas. Ouve-me!» — tinha ele dito.

Não, não precisava pedir desculpa, ela não o tinha chamado para nada de semelhante. Ela tinha muito, possuía tudo o que se podia desejar. Se aquela noite se repetisse, ela poderia contar-lhe como se lembrava do seu regresso da Índia, e da forma como conservara esse regresso, um filme mais importante do que *O Anjo Azul* ou que *Ana Karenina*, muito mais importante do que todos os filmes que tinha visto. — O filme de Walter Dias. Ela quereria ter dito que tinha quinze anos, mas que estava habituada a pôr o filme de Walter a rodar, sempre que desejava, estivesse onde estivesse, e que ele sempre lhe aparecia, tal qual como era agora, e tal qual como fora antes, e esse filme era uma herança imaterial, invisível para os demais, mas concreto para si, um filme onde ninguém entrava nem saía que não fosse por vontade dela. Um filme feito sobre a aparição de Walter.

Quereria ter-lhe explicado como herdara a sua aparição em Valmares, quando a casa albergava ainda intacta a brigada dos cultivadores da terra que depois tinham abalado. Quando a casa ainda estava ocupada pelos irmãos Dias, saltando para cima dos carros de madeira, indistintos, calados, tensos, sentados à mesa, e a presença de Walter em alguns dos cantos da casa a havia preenchido — Tinha ficado com a imagem da sua figura sobre os ladrilhos, de frente, de costas, junto à mesa, no meio deles e, depois, sozinho, unido à charrete. Herdara esse movimento, por aqui, por ali, fixo, andando, sem narrativa própria, e no entanto repetido e persistente. Possuía-o gravado, na noite em que Walter subiu às escuras, e depois entrou e segurou no candeeiro e aproximou-se da filha. — «Não grites!» — tinha ele dito, a princípio. — «Não te movas».